



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v58i2.3170>

HIPÓTESE DE INTERTEXTUALIDADE DE JR 4,5-31 EM GN 1,1-2,4B¹

Intertextuality hypothesis of Jr 4,5-31 in Gn 1,1-2,4b

Oswaldo Luiz Ribeiro²

Resumo: Artigo exegético. Procura-se analisar a hipótese de Gn 1,1-2,4b ter-se servido de Jr 4,5-31. Em geral, a pesquisa opera com a hipótese contrária: Jr 4,5-31 teria se servido de Gn 1,1-3. Para defender a hipótese de que Gn 1,1-3 pode ter-se servido de Jr 4,23-26, e não necessariamente o contrário, propõe-se recuperar o sentido histórico das imagens evocadas na cosmogonia, afastando-o da tradicional perspectiva de vinculá-las à ideia de “caos”, própria da tradição grega e judaico-cristãs. Como resultado da operação, os termos empregados em Gn 1,1-3 podem ser lidos na mesma dimensão com que aparecem em Jr 4,23-26: lá, servem para descrever “*destruição*” – isto é, a destruição de Jerusalém –, enquanto cá servem para descrever a própria “*criação*” – isto é, a reconstrução de Jerusalém. Gn 1,1-3 teria empregado as imagens que empregou, porque Jr 4,5-31 as havia empregado. Inclusive, o que não se tem observado, a noção de *הרי* como o agente da “*destruição*”.

Palavras-chave: Gn 1,1-2,4b. Gn 1,1-3. Jr 4,5-31. Jr 4,23-26. Cosmogonia.

Abstract: Exegetical article. The objective of the article is to analyze the hypothesis of Gn 1,1-2,4b to have used Jr 4,5-31. The research commonly operates on the contrary hypothesis: Jr 4,5-31 would have used Gn 1,1-3. To defend the hypothesis that Gn 1,1-3 may have used Jr 4,23-26, and not necessarily the opposite, it is proposed to review the historical meaning of the images evoked in the cosmogony, moving it away from the traditional perspective of linking it to the idea of “chaos” of the Greek and Judeo-Christian traditions. As a result of the operation, the terms used in Gn 1,1-3 can be read in the same dimension as they appear in Jeremiah 4: 23-26: there, they serve to describe the “*decreation*” – that is, the destruction of Jerusalem –, while here, they describe the “*creation*” – that is, the rebuilding of Jerusalem. Gen 1: 1-3 would have used the images it used, because Jr 4,5-31 had employed them, and, in this case, even the notion of *הרי* as the agent of “*uncreation*”.

Keywords: Gn 1: 1-2,4b. Gn 1: 1-3. Jr 4: 5-31. Jr 4: 23-26. Cosmogony.

¹ O artigo foi recebido em 24 de novembro de 2017 e aprovado em 15 de janeiro de 2018 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia pela PUC-Rio; pós-doutorado em Ciência da Religião pela UFJF. Coordenador e professor do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória/ES. Contato: osvaldo@faculdadeunida.com.br

The writers of the biblical texts produced their texts in conversation with all the other texts available to them and we try to read their texts in conversation with many other texts of our own.

Robert P. Carroll

Tradução de Jr 4,5-31³

הַגִּידוּ בְּיְהוּדָה	a	5	a	Fazei anunciar em Judá,
וּבִירוּשָׁלַם הַשְׁמִיעוּ	b		b	e em Jerusalém, fazei ouvir.
וְאָמְרוּ תִקְעוּ שׁוֹפָר בְּאֶרֶץ	c		c	E dizei: “tocai a trombeta na terra”.
קְרָאוּ מְלֵאוֹ וְאָמְרוּ	d		d	Gritai altissonantemente ⁴ , e dizei:
הָאִסְפוּ וּנְבוֹאָה אֶל־עָרֵי הַמְּבֻצָּר:	e		e	“reuni-vos, e entremos nas cidades fortificadas”.
שָׂאוּ־נֶס צִיּוֹנָה	a	6	a	Levantai um sinal para Sião.
הִעִיזוּ אֶל־תַּעֲמָדוֹ	b		b	Refugiai-vos, não fiqueis parados.
כִּי רָעָה אֲנִכִּי מִבְּיַם מִצְפּוֹן	c		c	Porque uma desgraça eu trago do norte,
וְשֹׁבֵר גְּדוֹל:	d		d	e uma grande destruição.
עָלָה אַרְיֵה מִסִּבְּבוֹ	a	7	a	Subiu um leão do seu covil ⁵ ,
וּמִשְׁחִית גּוֹיִם נָסַע	b		b	e um destruidor de nações partiu ⁶ .
יָצָא מִמְּקוֹמוֹ	c		c	Saiu de seu lugar,
לְשׁוּם אֶרֶצְךָ לְשֹׂמָה	d		d	para deixar a tua terra um horror ⁷ ,
עָרֶיךָ תִצְיֵנָה מֵאִין יוֹשֵׁב:	e		e	as tuas cidades, destruídas, sem que haja habitante.
עַל־זֹאת חֲגְרוּ שָׁקִים	a	8	a	Por isso, cingi-vos de trapos,
סִפְדוּ וְהִילִילוּ	b		b	lamentai-vos e lamuriai-vos.
כִּי לֹא־שָׁב חֲרוֹן אַף־יְהוָה מִמֶּנּוּ: פ	c		c	Porque não se afastou de nós o ardor da ira de Yahweh.

³ Tradução do pesquisador, com recurso a ALONSO-SCHÖKEL, L. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997, e KOEHLER, Lexicon; BAUMGARTNER, W. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 2001. v. 1. Apenas as observações mais relevantes serão apresentadas em notas.

⁴ Para o uso adverbial de מלא, cf. ALONSO-SCHÖKEL, 1997, p. 376: “uso adverbial [...] gritai a plenos pulmões”.

⁵ Tanto Alonso-Schökel como Koehler e Baumgartner entendem tratar-se do mesmo termo de SI 74,5. Para o primeiro, “mato, matas, matagal, moitas, espessura” (ALONSO-SCHÖKEL, 1997, p. 461) e, para os segundos, “undergrowth” (KOEHLER; BAUMGARTNER, 2001, p. 741). Aqui, interpreta-se “sua moita” ou “seu mato baixo” como o covil onde se aloja o leão (cf. 7c), que, agora, num salto, deixa seu lugar.

⁶ Opta-se pela manutenção do verbo no estíquio 7b, e não no seguinte, como prescreve o aparato crítico da BHS, porque isso implicaria deixar o paralelo com apenas um termo, o sujeito משחית גוים “destruidor de nações”. Além disso, o vav ומשחית parece dificultar a possibilidade da saída elegante: “subiu um leão do seu covil, um destruidor de nações”.

⁷ Com Alonso-Schökel, “desolação, devastação, ruína; espanto, horror [...]”. Às vezes é difícil distinguir entre o físico e o psicológico” (ALONSO-SCHÖKEL, 1997, p. 678).

וְהָיָה בַּיּוֹם־הַהוּא נְאֻם־יְהוָה	a	9	a	E será naquele dia, oráculo de Yahweh,
יִאבֵד לְבַהֲמֹלֶךְ וּלְבַב הַשָּׂרִים	b		b	que desfalecerão o coração do rei e o coração dos príncipes,
וְנִשְׁמְוּ הַכֹּהֲנִים	c		c	ficarão horrorizados os sacerdotes
וְהַנְּבִיאִים יִתְמָהוּ:	d		d	e os profetas ficarão estupefatos.
וַאֲמַר אֲהֵא אֲדַנִּי יְהוָה	a	10	a	E eu disse: “ah, meu senhor, Yahweh,
אָכַרְתִּי הַשָּׂאֵת לְעַם הַזֶּה וְלִירוּשָׁלַם	b		b	verdadeiramente, enganar tu enganaste este povo e Jerusalém,
לֵאמֹר שְׁלוֹם יִהְיֶה לָכֶם	c		c	ao dizer: ‘tereis paz’,
וְנִגְעָה חֶרֶב עַד־הַגְּפֶשׁ:	d		d	e chega ⁸ a espada até a garganta”.
בְּעֵת הַהִיא יֹאמַר לְעַם־הַזֶּה וְלִירוּשָׁלַם	a	11	a	Naquele tempo, será dito a este povo e a Jerusalém:
רוּחַ צַח שְׁפִיִים בַּמִּדְבָּר	b		b	“um vento esturricante ⁹ das sequidões do deserto,
דֶּרֶךְ בַּת־עַמִּי	c		c	a caminho da filha do meu povo,
לֹא לִזְרוֹת וְלֹא לְהִכָּר:	d		d	não para aventar nem para joeirar...
רוּחַ מְלֵא מֵאֵלָה יִבּוֹא לִי	a	12	a	Um vento mais forte do que isso ¹⁰ virá a mim”.
עַתָּה גַם־אֲנִי אֲדַבֵּר מִשְׁפָּטִים אוֹתָם:	b		b	Agora também eu falarei juízos contra eles.
הִנֵּה כְּעִנְנִים יַעֲלֶה	a	13	a	Eis que como nuvens ele sobe,
וּכְסוּפָה מִרְכָּבוֹתָיו	b		b	e, como tormentas, os carros dele.
קָלוּ מִנְשָׂרִים סוּסָיו	c		c	Mais velozes do que águias são os seus cavalos.
אִי לָנוּ כִּי שִׁדְדָנוּ:	d		d	Ai de nós, porque estamos devastados!
כִּבְסֵי מִרְעָה לִבְדֵּי יְרוּשָׁלַם	a	14	a	Limpa da malícia o teu coração, Jerusalém,
לְמַעַן תִּישְׁעִי	b		b	para que sejas salva.
עַד־מָתַי תִּלְוִי בְקִרְבֶּךָ מַחֲשָׁבוֹת אוֹנֵךָ:	c		c	Até quando permanecerão no teu coração os desígnios da tua injustiça?
כִּי קוֹל מְגִיד מִדָּן	a	15	a	Porque uma voz se anuncia desde Dã,
וּמִשְׁמִיעַ אֶזְנוֹ מִהַר אֶפְרַיִם:	b		b	e se faz ouvir uma tribulação desde a Montanha de Efraim.

⁸ “Tocar, acariciar, roçar [...]; aproximar-se, chegar” (ALONSO-SCHÖKEL, 1997, p. 418). Cf. KOEHLER; BAUMGARTNER, 2001, p. 668: “touch violently, strike” (tocar violentamente, sacudir [tradução própria]).

⁹ Por aproximação. Segundo Alonso-Schökel, o termo é incerto: “talvez Jr 4,11 – רָיָח, vento árido” (ALONSO-SCHÖKEL, 1997, p. 559).

¹⁰ Cf. 4, 18. O uso do termo plural “equivale a neutro singular, isto” (ALONSO-SCHÖKEL, 1997, p. 56). Todavia, em seu comentário, Alonso-Schökel e Sicre-Díaz optam por considerar um caso de ditografia (ALONSO-SCHÖKEL, L.; SICRE-DÍAZ, J. L. *Profetas I. Isaías, Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 453).

הַזְכִּירוּ לְגוֹיִם	a	a	Anunciai às pessoas ¹¹ ,
הִנֵּה הַשְּׁמִיעוּ עַל־יְרוּשָׁלַם	b	b	Eia, fazei ouvir em Jerusalém.
נִצְרִים בְּאִים מֵאַרְץ הַמֶּרְחָק	c	c	Batedores vieram de uma terra distante,
וַיִּתְּנוּ עַל־עָרֵי יְהוּדָה קוֹלָם:	d	d	e levantaram contra as cidades de Judá a sua voz.
כְּשֹׁמְרֵי שָׂדֵי	a	a	Como guardadores de um campo,
הֵיוּ עָלֶיהָ מִסְבִּיב	b	b	estão todos à sua volta,
כִּי־אֵתִי מִרְתָּה נֶאֱסִי־יְהוָה:	c	c	porque te rebelaste contra mim, oráculo de Yahweh.
דְּרַכְךָ וּמַעַלְלֶיךָ עָשׂוֹ אֱלֹהִים לְךָ	a	a	O teu caminho e as tuas ações fizeram-te isso.
זֹאת רַעְתְּךָ כִּי מָר	b	b	Esta é a tua desgraça, que é amarga,
כִּי נִגַּעַת עַד־לִבְּךָ: ס	c	c	que chega até o teu coração.
מַעֲיוֹ מַעֲיוֹ אוֹחִילָה קִירוֹת לִבִּי	a	a	Minhas entranhas! Minhas entranhas! Estremecem as paredes do meu coração!
הִמָּה־לִּי לִבִּי	b	b	Ruge para mim o meu coração.
לֹא אֶחְרִישׁ	c	c	Não posso me conter.
כִּי קוֹל שׁוֹפָר שָׁמַעְתָּ נַפְשִׁי	d	d	Porque o som da trombeta ouviste, vida minha,
תִּרְוַעַת מִלְחָמָה:	e	e	o grito de guerra...
שָׁבַר עַל־שֹׁבֵר נִקְרָא	a	a	Destruição após destruição se anuncia,
כִּי שִׁדְדָה כָּל־הָאָרֶץ	b	b	porque devastada está toda a terra.
פְּתֹאם שִׁדְדוּ אֱהִלִּי	c	c	Subitamente, foram devastadas as minhas tendas,
רַגַע יִרְעִיעֵתִי:	d	d	num momento, as minhas cortinas...
עַד־מָתִי אֲרֹאֶה־נִס	a	a	Até quando verei o sinal,
אֲשַׁמְעָה קוֹל שׁוֹפָר	b	b	ouvirei o som da trombeta?
כִּיֹּא אֲוִיל עַמִּי	a	a	Porque louco está o meu povo:
אוֹתִי לֹא יָדְעוּ	b	b	a mim ele não conhece.
בְּנִים סְכָלִים הֵמָּה	c	c	filhos tolos eles são,
וְלֹא נְבוֹנִים	d	d	e não têm discernimento.
הֵמָּה חֲכָמִים הֵמָּה לְהָרַע	e	e	Eles são sábios para o mal,
וְלַהֲיִטִּיב לֹא יָדְעוּ	f	f	e fazer o que é bom eles não sabem.
רָאִיתִי אֶת־הָאָרֶץ וְהִנֵּה־תְהוֹ וְנִבְהוּ	a	a	Olhei a terra, e eis deserto e desolação,
וְאֶל־הַשָּׁמַיִם וְאֵין אוֹרָם:	b	b	E para os céus, e não há a luz deles.

¹¹ Com Koehler e Baumgartner, “people = persons” (KOEHLER; BAUMGARTNER, 2001, p. 182). Desnecessário, pois, considerar a declaração de que לְגוֹיִם “cannot be correct” (“não pode estar correto” [tradução própria]) (BRIGHT, J. *Jeremiah*. Introduction, translation and notes. New York: Doubleday, 1965. p. 29).

<p>רְאִיתִי הַהָרִים וְהָגָה רַעֲשִׁים וְכָל-הַגְּבָעוֹת הַתְּקַלְקְלוּ:</p>	a	24	a	Olhei as montanhas, e eis que tremem,
	b		b	e todas as colinas estremeçam...
<p>רְאִיתִי וְהָגָה אֵין הָאָדָם וְכָל-עוֹף הַשָּׁמַיִם נָדְדוּ:</p>	a	25	a	Olhei, e eis que não havia o “Adão”,
	b		b	E todos os pássaros do céu haviam fugido...
<p>רְאִיתִי וְהָגָה הַכְּרָמֶל הַמְדֻבָּר וְכָל-עָרָיו נִתְצוּ מִפְּנֵי יְהוָה</p>	a	26	a	Olhei, e eis que o vergel era um deserto,
	b		b	E todas as cidades dela estavam destruídas diante de Yahweh,
	c		c	diante do ardor da sua ira.
<p>מִפְּנֵי חֲרוֹן אַפָּי: ס כִּי-כֹה אָמַר יְהוָה שְׂמִמָּה תִהְיֶה כָּל-הָאָרֶץ וְכֹלָה לֹא אֲעִשֶׂה:</p>	a	27	a	Pois assim diz Yahweh:
	b		b	“devastada será toda a terra,
	c		c	e um devastação eu farei dela ¹² .
<p>עַל-זֹאת תִּאָּבֵל הָאָרֶץ וְקִדְרוּ הַשָּׁמַיִם מִמַּעַל עַל כִּי-דִבַּרְתִּי זְמַתִּי וְלֹא נִחַמְתִּי וְלֹא-אֲשׁוּב מִמֶּנָּה</p>	a	28	a	Por isso, lamentará a terra,
	b		b	e escurecerão os céus acima.
	c		c	Porque assim falei,
	d		d	declarei, e não me retrato,
	e		e	e não me arrependo disso”.
<p>מִקּוֹל פְּרֶשֶׁת וְרִמָּה קֹשֶׁת בְּרַחַת כָּל-הָעִיר בָּאוּ בְּעֵבִים וּבְכַפִּים עָלָיו</p>	a	29	a	Por causa do clamor do cavaleiro e do portador de arco, fogem todas as cidades,
	b		b	Entranharam nas brenhas e nos penhascos subiram.
	c		c	Todas as cidades ficaram abandonadas,
<p>וְאֵין-יֹשֵׁב בָּהֶן אִישׁ וְאֵת שְׂדוֹד מִהִתְעַשִּׂי כִּי-תִלְבְּשִׁי שָׁנִי כִּי-תַעֲדִי עֲדֵי-זָהָב כִּי-תִקְרָעִי בַפֶּה עֵינַיִךְ לְשׂוֹא תִתִּיפִי מֵאֲסוּבֶיךָ עֲגָבִים נִפְשָׁד יִבְקָשׁוּ:</p>	d	30	d	e não têm mais homem.
	a		a	E agora, assolada, o que fazes?
	b		b	Por que vestes escarlate?
	c		c	Por que te adornas com adornos de ouro?
	d		d	Por que pintas de preto os teus olhos?
	e		e	À toa te embelezas:
	f	f	desprezam-te os teus amantes, e buscam a tua garganta...	

¹² Para uma discussão a respeito da tradução escolhida, cf. THOMPSON, J. A. *A Book of Jeremiah*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1980. p. 230-231, bem como o aparato crítico da BHS. Para a tradução literal, mas assumida então como glosa, cf. NICHOLSON, E. W. *The Book of Prophet Jeremiah*. Chapters 1-25. Cambridge: University, 1973. p. 56.

כִּי קוֹל כְּחוֹלָה שָׁמַעְתִּי	a	a	Porque uma voz como de parturiente ouvi,
צָרָה כְּמִבְכִּיָּה	b	b	angústia como de quem vai parir:
קוֹל בֵּת-צִיּוֹן	c	c	a voz da filha de Sião,
תְּחִיפָה תִּפְרֹשׁ כַּפָּיָה	d	d	ofegante, estendendo as mãos:
אֲוִי-נָא לִי	e	e	“ai de mim,
כִּי-עִיפָה נַפְשִׁי לְהַרְגִים: פ	f	f	porque esvai-se a minha vida, por causa dos assassinos”.

Considerações preliminares

Por uns, Jeremias 4,5-31 tem sido considerada uma composição pré-exílica e/ou exílica.¹³ Por outros, pós-exílica.¹⁴ Quanto à sua natureza compósita¹⁵ e, conseqüentemente, quanto à data de sua composição¹⁶, no seu conjunto, tanto já foi dito que “não podemos excluir a origem autônoma de várias peças deste capítulo, como tampouco podemos assinalar com exatidão ou aproximação seus limites e momentos de proclamação”¹⁷, quanto igualmente se disse que “não parece existir nenhuma dificuldade em supor-se que a seleção seja obra do próprio Jeremias”¹⁸. Ou seja, a tendência é considerar o(s) oráculo(s) de Jr 4,5-31, o que inclui os v. 23-26, como do próprio profeta Jeremias. No campo das disciplinas introdutórias aos livros da Bíblia Hebraica, por si só essa é uma questão pertinente¹⁹, porque, quando menos, estamos infor-

¹³ Dentre outros, porque se trata da corrente majoritária, cf. CHRISTENSEN, D. L. In quest of the autograph of the book of Jeremiah: a study of Jeremiah 25 in relation to Jeremiah 46-51. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 33, n. 2, p. 145-153, 1990. p. 146; HAYES, Katherine Murphey. *The Earth Mourns: Prophetic Metaphor and Oral Aesthetic*. Leiden; Boston: Brill, 2002. p. 72; SKINNER, J. *Jeremias: profecia e religião*. São Paulo: Aste, 1966. p. 47; THOMPSON, 1980, p. 230-231; WRIGHT, C. J. H. *The message of Jeremiah*. Against wind and tide. Downers Grove: IVP Academic, 2014. p. 93-95; ZIMMERLI, W. *The Fiery Throne*. The Prophets and Old Testament Theology. Minneapolis. p. 60.

¹⁴ Dentre os autores consultados e indicados na bibliografia, cf. SOUZA, Ágabo Borges de. *Studien zum Menschenverständnis von Jer 2-6 aus einer lateinamerikanischen Perspektive*. Ein Beitrag zur Anthropologie des Jeremiabuches. Hamburg: Lottbeck, 1993a. p. 86 e _____. Jer 4,23-26 als P-orientierter Abschnitt? *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, n. 105, p. 419-428, 1993b. Registre-se o agradecimento ao autor, Ágabo Borges de Souza, o encaminhamento do artigo citado, que o pesquisador não logrou obter por outros meios.

¹⁵ Dentre outros, assumem Jr 4,5-31 como narrativa compósita ALONSO-SCHÖKEL; SICRE-DIAZ, 1988, p. 455; BRIGHT, 1965, p. 33-34; SKINNER, J. *Jeremias: profecia e religião*. São Paulo: Aste, 1966. p. 47. Para a estrutura de Jr 4,5-31 como parte de Jr 4,5-6,30, cf. TORREBLANCA, J. *Jeremias: una lectura estructural*. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, n. 35-36, p. 68-82, 2000.

¹⁶ “Nada neste material pode ser datado com precisão” (BRIGHT, 1965, p. 34). Para declarações do mesmo tipo, cf. THOMPSON, 1980, p. 218.

¹⁷ ALONSO-SCHÖKEL; SICRE-DIAZ, 1988, p. 455.

¹⁸ SKINNER, 1966, p. 47. O próprio Skinner, todavia, considera que “é mais provável que seja obra de um editor, que acrescentou uma fórmula introdutória e os elos de conexão” (SKINNER, 1966, p. 47).

¹⁹ Para uma discussão detalhada, cf. JOO, S. *Provocation and Punishment*. The Anger of God in the Book of Jeremiah and Deuteronomistic Theology. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 11-14.

mados de que “pesquisadores não têm deixado de advertir que ele funciona como uma contraparte do primeiro capítulo de Gênesis” (tradução própria)²⁰, ou ainda quanto a que “esta visão contém indubitáveis ecos da narrativa da criação de Gênesis 1”²¹. Declarações como essas tornam a questão mais delicada, porque, sem que a questão introdutória possa ser respondida sem que se conceda toda a atenção a esse desdobramento, a relevância da pergunta pela natureza e pela data da composição de Jr 4,5-31 passa a circunscrever-se à questão específica quanto à correspondência literária entre Jr 4,5-31 e Gn 1,1-2,4b.²² Como a pesquisa de Jeremias fartamente assinalou, e como se discutirá adiante, a quantidade de termos comuns entre Jr 4,5-31 e Gn 1,1-2,4b, e empregados todos no mesmo contexto imagético, é tão grande, que dificilmente se pode considerar coincidência a intertextualidade entre o oráculo e a cosmogonia. Trata-se seguramente de dependência literária. E é aqui que a questão da datação de Jr 4,5-31 revela toda a sua pertinência: se há dependência literária entre as duas narrativas, quem se baseou em quem? Como quer a corrente majoritária da pesquisa, Jeremias depende de Gênesis? É correto, então, descrever-se Jr 4,23-26 como descrevendo Gn 1,1-3 “ao contrário”²³. É Gênesis que depende de Jeremias²⁴, de sorte que seria mais adequado conceber que Gn 1,1-3 é que descreve Jr 4,23-26 “ao contrário”? Oráculo e cosmogonia dependem de uma terceira suposta narrativa, desaparecida?²⁵

É preciso ter bastante clara uma questão. Não importa se, como defende Carroll, “Jeremias” esteja irrecuperavelmente perdido entre os escribas²⁶, ou se, como defenderia Holladay, se pode reconstruir o “Jeremias histórico” por meio do material do livro homônimo.²⁷ Aliás, há um século, Duhm já havia indicado os textos de Jeremias que deveriam ser atribuídos ao profeta, e entre eles se encontram Jr 4,5-8.11b-

²⁰ FISHBANE, M. Jeremiah IV 23-26 and Job III 3-13: a recovered use of the creation pattern. *Vetus Testamentum*, v. 21, n. 2, p. 151-167, 1971. p. 151 “scholars have not failed to notice that it serves as a counterpart to the first chapter of Genesis” (tradução própria).

²¹ LUNDBOM, J. R. *Theology in Language, Rhetoric, and Beyond*. Essays in Old and New Testament. Cambridge: James Clark, 2014. p. 81 “this vision contains unmistakable echoes of the creation account in Gen 1” (tradução própria).

²² Para a questão crítica da intertextualidade na Bíblia Hebraica, particularmente em Jeremias, cf. CARROLL, R. P. Something Rich and Strange: Imagining a Future for Jeremiah. In: DIAMOND, A. R. P.; O’CONNOR, K. M.; STULMAN, L. (Orgs.). *Troubling Jeremiah*. Sheffield: Sheffield Academic, 1999. p. 220-243.

²³ “Return” or reversal of creation” (cf. LALLEMAN-DE WINKEL, 2013, p. 97-98). A mesma ideia encontra-se, por exemplo, em BRUEGGEMANN, 1998, p. 59; NICHOLSON, 1973, p. 56; THOMPSON, 1980, p. 230; WRIGHT, 2014, p. 94.

²⁴ Na forma provisória de hipótese, é a posição que, em defesa retórica e contra a corrente majoritária, adiante se apresentará. Para a noção de “retórica como prova”, cf. GINZBURG, C. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

²⁵ Essa é a opinião de Silvana Manfredi (cf. MANFREDI, Silvana. *Geremia in dialogo*. Nessi con le tradizione profetico e originalità in Ger. 4,5-6,30. Roma: Salvatore Sciascia, 2002. p. 122-125).

²⁶ Cf. CARROLL, 1999, p. 432: “the prophet is lost to the scribe”. Cf. DAVIDSON, S. V. *Empire and Exile: Postcolonial Readings of the Book of Jeremiah*. New York: T.&T. Clark, 2011. p. 13-14.

²⁷ Cf. HOLLADAY, W. L. *Jeremiah*. A Fresh Reading. Eugene: Wipf & Stock, 2012; Cf. DIAMOND, A. R. P. Introduction. In: DIAMOND, A. R. P.; O’Connor, K. M.; STULMAN, L. (Orgs.). *Troubling Jeremiah*. Sheffield: Sheffield Academic, 1999. p. 15-33; DAVIDSON, 2011, p. 13-14.

12a.13.15-17a.19-21.23-26.29-31.²⁸ Seja como for, nenhuma das duas opiniões pode ser cabalmente demonstrada. Como não podia ser diferente, a questão termina por concentrar-se na defesa retórica dos postulados. No entanto, para o que aqui interessa, a bem da verdade não importa *quem* tenha escrito, mas *quando* se tenha escrito Jr 4,23-26. Para o que presentemente se discute, não faz a menor diferença se foi o próprio Jeremias, um escriba da corte, um sacerdote do templo real ou mesmo um suposto camponês letrado, ou ditando a um amanuense, quem escreveu e/ou reuniu os oráculos de Jr 4,5-31. Importa se quem quer que tenha escrito Jr 4,23-26 tenha-o feito *antes* ou *depois* de quem, por sua vez, escreveu Gn 1,1-2,4b. Porque as implicações da antecipação ou postecipação de um em relação ao outro constitui a questão em jogo, e não a identidade de quem tenha escrito uma e outra narrativa. A questão é precisamente *quando*, não especificamente *quem*.

Que se trata de uma questão de *quando*, e não de *quem*, pode ser evidenciado a partir de um “lugar comum” na pesquisa de Jr 4,5-31. Ao mesmo tempo em que trabalha a partir da hipótese de o próprio profeta Jeremias ter escrito e organizado o oráculo em discussão, é impressionante observar que a maioria dos comentaristas consultados e citados descreva a “visão” de Jeremias como uma descrição ao inverso do que Gn 1,1-3 descreve. Brueggemann não poderia ter descrito de forma mais clara: “este poema é um dismantelamento retórico passo a passo da criação. Jeremias 4,23 emprega as palavras de Genesis 1,2, ‘sem forma e vazia’, para expressar o retorno do caos e da desordem”²⁹. Ora, está implícito na declaração o fato de que Gn 1,2 tem de estar escrito, quando “the poet” escreve Jr 4,23. Todavia, “Jeremias” situa-se no final do século VII, enquanto Gn 1,2 foi composto no final do século VI.³⁰ A conta não fecha. Para servir-se programaticamente de Gn 1,1-3, quem quer que tenha escrito Jr 4,23-26 precisa situar-se historicamente após a redação da referida cosmogonia³¹, e não é o caso, contudo, se quem escreveu Jr 4,5-31 foi o profeta Jeremias.

A questão, portanto, é a seguinte: se o profeta Jeremias escreveu Jr 4,5-31, então ele não pode ter se servido de Gn 1,1-3.³² Se ele não se serviu de Gn 1,1-3, então ele não pode estar – conscientemente – descrevendo a “criação às avessas”, pelo menos não *a partir da cosmogonia* e do pacote imagético com que a corrente

²⁸ Cf. DUHM, D. B. *Das Buch Jeremia*. Tübingen: Mohr, 1901. p. xiii-xiv; JOO, 2006, p. 10.

²⁹ BRUEGGEMANN, W. A *Commentary on Jeremiah*. Exile and Homecoming. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998. p. 59. “this poem is a step-by-step rhetorical dismantling of creation. Jeremiah 4:23 utilizes the words of Gen. 1,2, ‘formless and void’, to express the resurgence of chaos and disorder” (tradução própria).

³⁰ O pesquisador desconhece datações pré-exílicas para Gn 1,1-2,4a, e, de qualquer forma, nenhum dos especialistas citados no presente artigo trabalha com a hipótese de uma datação pré-exílica para a cosmogonia.

³¹ Por isso, e nessa direção, a conclusão de SOUZA, 1993a e 1993b, que considera Jr 4,23-26 um produto da revisão sacerdotal de Jr 4,5-31.

³² Quanto aos especialistas citados, a balança penderia, então, apenas para dois, que respondem por duas posições divergentes em relação à corrente majoritária: Ágabo Borges de Souza, que postula uma autoria “sacerdotal”, pós-exílica, para Jr 4,23-26 (cf. nota 31) e Suzana Manfredi, que sugere dependerem ambas as narrativas de uma terceira, desconhecida (cf. nota 25).

majoritária a interpreta.³³ Se ele não pode estar descrevendo a “criação às avessas”, é preciso, então, situar seu poema em seu contexto semântico próprio. Porque, todavia, a condição de intertextualidade é incontornável para o caso, se Jr 4,5-31 não se serviu de Gn 1,1-3, então é preciso perguntar-se pela possibilidade de Gn 1,1-3 ter se servido de Jr 4,5-31. E eis todo o quadro alterado: em termos histórico-sociais, e sempre por hipótese, seria correto considerar que a destruição de Jerusalém não é descrita com as imagens da “criação”, conforme presentes em Gn 1,1-3, mas, ao contrário, em Gn 1,1-3, as imagens da “criação” é que se serviram das imagens da destruição de Jerusalém, conforme presentes em Jr 4,5-31?

As implicações disso não são irrelevantes... Como disse McKane, a conjunção entre a defesa da autoria de Jr 4,5-31 por parte do assim chamado “Jeremias histórico” e a concomitante defesa dessa passagem como uma alusão a Gn 1,1-3 resulta em, “talvez, a combinação de premissas incompatíveis”³⁴. Ciente da avaliação, já se postulou a tese de que, *por isso*, Jr 4,23-26 não pode ter sido escrito pelo suposto Jeremias histórico.³⁵ O argumento é coerente: *se* Gn 1,1-3 é *posterior* a Jr 4,5-31, então não pode ter sido aludido por ele. A solução proposta, todavia, não é necessariamente a única: considerar que quem escreveu Jr 4,5-31 tem de situar-se historicamente em momento posterior a Gn 1,1-3 só se sustenta se de fato Jr 4,5-31 serviu-se de Gn 1,1-3. Todavia, pode-se propor como solução justamente o contrário: e se foi Gn 1,1-3 que se serviu de Jr 4,5-31?

“Caos” em Gn 1,1-3, logo, em Jr 4,23-26?

Passar os olhos nos textos selecionados nas referências bibliográficas do presente artigo revelará duas constantes quase que absolutamente unânimes: de um lado, a defesa mais ou menos explícita da autoria jeremiasiana de Jr 4,5-31, concomitantemente ao fato de a passagem servir-se de Gn 1,1-3 para descrever a destruição de Jerusalém “como se fosse” uma criação às avessas. De outro lado, a referência a Gn 1,2 como suportando a ideia de “caos”.

Não é de se admirar. A identificação da imagem de “caos” em Gn 1,2 tem larga tradição. Ela deriva da tradução e interpretação de תהו ובהו em Gn 1,2 como descrevendo ontológico-mitologicamente a condição do “cosmo” antes que a divindade operasse criativamente sobre ele. Desde pelo menos David Tsumura³⁶, todavia, sabe-se que essa tradução e interpretação devem-se à recepção da passagem a partir das tradições, primeiro judaicas e depois judaico-cristãs, particularmente filtradas pela mitologia grega. Na Bíblia Hebraica, a fórmula תהו ובהו não se presta à descrição de

³³ Cf. a seção seguinte “‘Caos’ em Gn 1,1-3, logo, em Jr 4,23-26?”.

³⁴ MCKANE, W. *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah*. Introduction and commentary on Jeremiah I-XXV. New York: T.&T. Clark, 1986. p. 108. “perhaps a combination of incompatible premises.” (tradução própria).

³⁵ SOUZA, 1993b.

³⁶ TSUMURA, David. *Creation and Destruction. A Reappraisal of the Chaoskampf Theory in the Old Testament*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005. p. 9-35.

“caos”. Ou conjugados na forma de hendiáde, ou em uso separado um do outro, trata-se de termo(s) prosaico(s), amiúde empregado(s) para a designação de territórios desabitados, desérticos, ermos. Quando de seu emprego, não se trata da descrição de espaços pré-criacionais, sequer, mas, sempre, espaços identificáveis específica ou genericamente no mundo.³⁷ A história de sua recepção é que lhes aplicou acepções e interpretações que terminaram por controlar a leitura de Gn 1,2. As versões correntes de Gn 1,2 são praticamente unânimes em traduzir a fórmula por meio da noção de “caos”: “sem forma e vazia”, “without form and void”, “unsightly and unfurnished”, “wüst und leer”, “wüst und wirt”, “sans forme et vide”, “una masa informe y caótica”, por exemplo, espelham o conjunto da recepção hermenêutica e teológica de Gn 1,2, como se poderia apreciar tanto na tradução da LXX, ἄρατος καὶ ἀκατασκευαστος (“invisível e informe”), quanto na interpretação teológica de Sabedoria 11,17: κτίσασα τὸν κόσμον ἐξ ἀμόρφου ὕλης (“criou o cosmo da matéria informe”). Tais traduções, todavia, não se assentam sobre a modalidade semântica com que os termos assim traduzidos são utilizados na Bíblia Hebraica³⁸, porque parece ponto pacífico que traduções, obviamente situadas cronologicamente após os originais, não podem servir para a determinação do sentido dos originais, quanto mais podemos recorrer ao conjunto da biblioteca em que os originais se encontram inseridos para a sua determinação. Traduzir Gn 1,2 à luz da tradução da Septuaginta ou a partir dos efeitos hermenêuticos de Sabedoria 11,17 significaria dizer que se elegeu a história dos efeitos de uma passagem como critério para a compreensão histórico-crítica e histórico-social dessa passagem. Imaginar que, em Gn 1,1-3, o momento imediatamente anterior à “criação” seja caracterizado pela cena que Sabedoria 11,17 imagina – uma massa caótica de substâncias informes – significa apenas interromper o processo indiciário³⁹ de investigação crítica a respeito do sentido das imagens da cosmogonia de Gn 1,1-2,4a. A tradição de entrever o “caos” em Gn 1,2 é, portanto, resultado da força da tradição.

Deve-se compreender que, à luz de tradição tão solidamente consagrada, e considerando-se a narrativa em si mesma, principalmente se lida sem a preocupação teórico-metodológica de compreendê-la tal qual seu autor pretendia que fosse compreendida, a cosmogonia inaugural da Bíblia Hebraica deixa-se bastante confortavelmente interpretar como se referindo de fato à criação do “cosmo”. Além dessa noção de “cosmo”, de “universo” em criação, tendo, por intermédio da LXX e de Sabedoria 11,17, operado sobre a tradição judaica e judaico-cristã, se acrescentarmos a força da tradição das cosmogonias gregas à leitura de Gn 1,2 como a operação criativa divina sobre o “caos informe pré-cosmogônico”, compreende-se *a fortiori* que os termos constituintes de Gn 1,1-3 pareçam legitimar a leitura que Sabedoria lhe aplicou e as versões ainda lhe aplicam. Todavia, trata-se de efeito da tradição. Contra tal força her-

³⁷ Para a demonstração do argumento, cf. RIBEIRO, O. L. *Homo faber*: O contexto da “criação” em Gênesis 1,1-3. Rio de Janeiro: Mauad, 2015b. p. 89-98, bem como a nota 34.

³⁸ Cf. TSUMURA, 2005, p. 12-13.

³⁹ Para o paradigma indiciário, cf. GINZBURG, C. *Sinais – raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

menêutica, e como tentativa de recuperar, sob o atherro tradicional, indiciariamente, o sentido original das imagens de Gn 1,1-3, pode-se aproximar-se de Gn 1,1-3 de duas formas alternativas, que, se de um lado operam teórico-metodologicamente da mesma forma, de outro diferem mutuamente na extensão da revisão que promovem sobre a leitura tradicional de Gn 1,1-2,4b.

A primeira leitura alternativa é a do já citado David Tsumura⁴⁰. Acertadamente, Tsumura reduz os termos de Gn 1,1-3 a seu estatuto fenomenológico no conjunto da Bíblia Hebraica, abandonando, também acertadamente, a interpretação da passagem como se reportando a uma situação mitológica de “caos informe pré-cosmogônico”. O resultado da pesquisa de Tsumura é, sobretudo, revelar que a interpretação ao estilo “grego” não corresponde à configuração histórica de Gn 1,1-3. Para Tsumura, Gn 1,1-3 não descreve “caos”, mas apenas e tão somente a terra desolada e desabitada do primeiro momento da criação. A hendiáde תֵּהוֹ וְנִבְהוּ é interpretada exatamente como em todas as demais passagens da Bíblia Hebraica, e a ideia de “caos” desaparece completamente. Todavia, Tsumura ainda trata a passagem em termos cosmogônicos positivos: o que se está criando é a “terra”, mas, como ela ainda não havia sido habitada, e nada havia sido criado *nela*, então ela é descrita como “um lugar improdutivo e desabitado”⁴¹. Conquanto substancialmente reduzida em sua condição plástico-mitológica, ainda se opera por meio da noção clássica de “criação” que caracteriza a recepção de Gn 1,1-3.

A segunda leitura, como se disse, parte exatamente da mesma atitude *metodológica* de Tsumura. Nela, a noção de “caos” é igualmente dissolvida. Todavia, diferentemente da leitura feita pelo exegeta japonês, avança para a correção do que parece, ainda, a manutenção de um elemento da tradição, que entende que Gn 1,1-3 descreveria a criação do “cosmo” ou de uma “terra-cosmo” recém-criada e, por isso, inacabada e desabitada. Segundo a proposta alternativa de leitura, Gn 1,1-3 descreveria apenas a “criação” do ecúmeno judaíta. Não é que estaria ausente de Gn 1,1-3 apenas a ideia do “caos informe pré-cosmogônico”: estaria ausente inclusive a ideia de “criação” do “cosmo” ou de uma “terra-cosmo” recém-criada, mas incompleta. Segundo a leitura em tela, em chave cosmogônica próximo-oriental, Gn 1,1-2,4b descreveria a reconstrução de Jerusalém em 515 a.C., de sorte que, em temos de seu *Sitz im Leben*, consistiria na peça cosmogônica elaborada para a inauguração do Templo de Jerusalém.⁴²

É verdade que o próprio Tsumura constitui obstáculo considerável à leitura alternativa que se acaba de mencionar. Servindo-se da declaração de Miller de que “a fundação de cidades é um empreendimento puramente humano em Gênesis 1-2”⁴³, Tsumura argumenta que, diferentemente da cosmogonias próximo-orientais, a cosmogonia da Bíblia Hebraica não teria por finalidade a transsignificação da construção

⁴⁰ Cf. TSUMURA, 2005.

⁴¹ TSUMURA, 2005, p. 35. “an unproductive and uninhabited place” (tradução própria).

⁴² Para a defesa e a apresentação em detalhes da leitura alternativa de Gn 1,1-2,4b, cf. RIBEIRO, 2015b.

⁴³ Cf. MILLER, P. D. Eridu, Dunnu and Babel. A study in comparative mythology. *Hebrew Annual Review*, n. 9, p. 227-251, 1985. p. 239 e 243. Para a referência em Tsumura, cf. TSUMURA, 2005, p. 72. “the foundation of cities is a purely human enterprise in Genesis I-II” (tradução própria).

de cidades. Nesse ponto, seu argumento é bastante expressivo: “nenhum nome em particular de cidade aparece como criação de Deus na história de Gênesis 1”⁴⁴. Se a cosmogonia da Bíblia Hebraica não tem por objetivo nem se encerra com a construção da cidade, e se a leitura alternativa à de Tsumura afirma que Gn 1,1-2,4b constitui escritura de transignificação cosmogônica da reconstrução de Jerusalém, então é preciso “enfrentar” o argumento de Tsumura.

O argumento pode ser avaliado e contornado em duas frentes. Primeiro, se formos diretamente ao texto de Miller, que Tsumura usa, veremos que, ali, a reflexão não se dá sobre Gn 1,1-2,4b como uma peça autônoma, em seu contexto histórico original, mas como peça retórica do que o autor chama de “descrição sacerdotal”⁴⁵. Miller se expressa da seguinte forma: “em Gênesis, o próximo passo no trabalho criativo de Yahweh não é, naturalmente, construir uma cidade, mas a criação de ʾādām, que construirá a cidade (Gen 4,17; Gen 10,10-12; Gen 11,1-9)”. Ora, Miller está operando em sentido sincrônico, e tem diante de si, *efetivamente*, não a cosmogonia, mas determinado percurso sincrônico-redacional de Gn 1-11. Ora, Miller está tratando de Gn 1,1-2,4b ou está tratando de Gn 1-11? Por meio de que argumentos teórico-metodológicos se pode analisar Gn 1,1-2,4b *a partir de* Gn 1-11? O que a construção de uma cidade em Gn 4,17 tem a dizer sobre Gn 1,1-2,4b? Está-se tomando o modo como foi *recebida* pelos redatores de Gn 1-11 como a chave de compreensão histórica da própria cosmogonia? Não parece uma abordagem adequada. Em termos indiciários, injustificada. Gn 1,1-2,4b precisa ser lida como composição independente, e não nos termos em que foi cooptada e adaptada na configuração teológica de Gn 1-11. Gn 1,1-2,4b pode ter-se servido de textos escritos *antes* que a cosmogonia tenha sido composta. Mas seu sentido não pode ser indiciariamente recuperado a partir do modo como redatores posteriores a trataram em sua composição. Os argumentos de Miller ficam a dever a devida prestação de contas.

O segundo argumento que se pode apresentar em resposta à declaração de Tsumura, que, a rigor, é a de Miller, deve começar, primeiro, concordando com o óbvio: de fato, falta à cosmogonia – de Gn 1,1-2,4b – o nome “Jerusalém”, ou mesmo os termos “cidade”, “templo” ou “palácio”.⁴⁶ Mas é preciso avaliar outros aspectos da questão. Antes de ser efetivamente composta a “Cosmogonia de Inauguração do Templo de Jerusalém”, e provavelmente mencionando-a como projeto “cosmogônico” no v. 19, a reconstrução de Jerusalém já havia sido tratada como aquele acontecimento que, aguardado e ansiado pela *golah*, e operado por Yahweh, redundaria na “criação” do “povo”: יהוה יצונו [...] תִּכְתֵּב זֹאת לְדֹר אַחֲרָיו וְעַם יִבְרָא יִהְיֶה לְלֵוִי: (SI 102,17a.19:

⁴⁴ TSUMURA, 2005, p. 72. “no particular city names appear as God’s creation in the story of Gen 1” (tradução própria).

⁴⁵ MILLER, 1985, p. 243. “Priestly description” e “in Genesis, the next step in the creative work of Yahweh is not, of course, building a city, but the creation of ʾādām, who will build the city (Gen 4: 17; Gen 10: 10-12; Gen 11: 1-9)” (tradução própria).

⁴⁶ Registre-se que a ausência do nome de Judá e Jerusalém em Gn 2,4b-3,24 não impediu – acertadamente – que se defendesse a ideia de que, nessa passagem, a “criação” se refere exatamente a Judá e Jerusalém (cf. OTTOSSOM, M. Eden and the Land of Promise. In: EMERTON, J. A. (ed.). *Congress Volume*. Jerusalem, 1986. p. 177-188).

“porque construiu Yahweh Sião [...] isso será escrito para a geração futura, e o povo criado louvará Yah”⁴⁷. Reconstruir Sião é “criar” o povo. O verbo é o mesmo de Gn 1,1-3. Um bom exercício é observar como as versões traduzem o mesmo verbo de Gn 1,1-3, ברא, na forma como ele ocorre em Sl 102,19, יִבְרָא: “recriado”, consta de *A Bíblia de Jerusalém*.⁴⁸ Flagra-se aí, em plena operação, a força daquela mesma tradição: a “criação” de fato se deu em Gn 1,1-3, de modo que, em Sl 102,19, só se pode estar falando em metáfora ou analogia, o que explica o termo “recriado” empregado na tradução. Todavia, deve-se ter em mente que, depois que, como pediu Sl 102,13-15, Jerusalém foi reconstruída, outro texto foi escrito, empregando agora o mesmo verbo ברא para, dessa vez, descrever não apenas a “criação” do povo, mas tanto a “criação” do povo quanto a “criação” da cidade. Nessa nova passagem, o efeito que a conjunção entre o verbo ברא e o tema da reconstrução de Jerusalém lembra o efeito que o mesmo verbo gerou ao tradutor acima mencionado, quando se deparou com ברא sendo articulado com o tema da “criação” do povo. Eis como a mesma versão que se acabou de citar traduz o texto hebraico de Is 65,18: “Eis que farei de Jerusalém um júbilo e do seu povo uma alegria”. “Farei”: o verbo ברא simplesmente “desapareceu”! Eis o texto hebraico: כִּי הִנְנִי בּוֹרֵא אֶת־יְרוּשָׁלַם גִּלְהָ וְעַמָּהּ מְשׁוֹשׁ: (“porque eis que eu crio Jerusalém, alegria!, e o povo dela, júbilo!”)⁴⁹. E, no seu contexto:

Is 65,17-18

<p>כִּי־הִנְנִי בּוֹרֵא שָׁמַיִם תְּדֻשִׁים וְאָרֶץ חֲדָשָׁה וְלֹא תִזְכְּרֶנָּה הָרְאשֹׁנוֹת וְלֹא תַעֲלִינָה עַל־לֵב: כִּי־אִם־שִׂישׁוּ וְגִילוּ עַד־עַד אֲשֶׁר אֲנִי בּוֹרֵא כִּי הִנְנִי בּוֹרֵא אֶת־יְרוּשָׁלַם גִּלְהָ וְעַמָּהּ מְשׁוֹשׁ:</p>	<p>Porque eis que eu crio novos céus e nova terra, e não serão lembrados os princípios, e não subirão ao coração. Sim, alegrai-vos e regozijai-vos para sempre com o que eu crio. Porque eis que eu crio Jerusalém – regozijo!, e o povo dela – alegria!⁵⁰</p>
--	---

“Porque eis que eu crio novos céus e nova terra [...] porque eis que eu crio Jerusalém [...] e o povo dela.” Bem, se era um nome de cidade aquilo de que se precisava, ei-lo. De sorte que Tsumura está certo em comentar que, em Gn 1,1-2,4b, não consta o nome de uma cidade. Todavia, não parece correto que Miller e Tsumura extrapolem o argumento para dizer que, dada a ausência do termo “cidade” ou de um nome de

⁴⁷ Para uma discussão sobre Sl 102,13-19, cf. RIBEIRO, 2015b, p. 63-65.

⁴⁸ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista. 4 impressão. São Paulo: Paulinas, 1989. Também é curioso observar que Tsumura não menciona a passagem, o que, evidentemente, facilita seu argumento.

⁴⁹ Mais uma vez, nenhuma nota de Tsumura quanto a esse uso do verbo ברא para expressar a reconstrução de Jerusalém.

⁵⁰ Para uma discussão sobre Is 65,18, cf. RIBEIRO, 2015b, p. 65-69.

cidade, a cosmogonia veterotestamentária não tenha por fim a transignificação cosmogônica da criação de cidades. Se os termos “povo” e “cidade” precisam aparecer no texto, para convencer os pesquisadores citados, então parece que Sl 102,13-19 e Is 65,17-18 atendem com folga a exigência. Sendo assim, reconhecendo-se que o nome da cidade construída não aparece em Gn 1,1-2,4b, deve-se, todavia, recuperar o fato de que seu nome aparece tanto em Sl 102,13-19 quanto em Is 65,18. E se, em Sl 102,19, aquela referência à transformação da reconstrução de Jerusalém em escritura puder ser tomada como referência ao que viria a ser Gn 1,1-2,4b, o argumento de Tsumura resulta contornado.⁵¹

Nesse caso, não apenas a expressão clássica de Gn 1,2 (תָּהוּ וְרָחָו) não se prestaria ao recurso expressivo da plástica característica da ideia de “caos informe pré-cosmogônico” grega, mas também o clássico verbo ligado a essa recepção tradicional estaria longe de deixar-se utilizar nesse tipo de construção mitológico-teológica. Diferentes escritos usaram-no para referir-se à organização do povo na Jerusalém reconstruída (Sl 102,17a.19) e, tomada como “novos céus e nova terra”, para a própria reconstrução de Jerusalém (Is 65,18). Nas cosmogonias próximo-orientais, a “criação” – das cidades! – se dá a partir das “águas”⁵², e, se por razões “filosóficas”, as “águas” serão posteriormente convertidas na ideia de “caos informe”, conforme quer Sabedoria 11,17, isso nada tem necessariamente a dizer sobre Gn 1,1-2,4b.

⁵¹ Quanto à questão de as cosmogonias próximo-orientais terem por fim a transignificação cosmogônica da construção de cidades, reporta-se ao capítulo “Cosmogonia e o Ciclo de Baal”, em RIBEIRO, O. L. *A cosmogonia de inauguração do templo de Jerusalém – o Sitz im Leben* de Gn 1,1-3 como prólogo de Gn 1,1-2,4a. 2008. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p. 75-89. Extraído da referência acima, a questão da presença ou não de determinado elemento crítico na cosmogonia para que ela seja ou não considerada como tal pode ser ilustrada no quadro a seguir:

Cosmogonias próximo-orientais	<i>Enuma eliš</i>	Gn 1,1-2,4a	KTU 1.1-1.6* <i>Ciclo de Baal</i>
– matéria: as águas cosmogônicas sempiternas	Marduk mata o Dragão aquático, Tiamat – poder e controle sobre as águas	ʔēlōhīm manifesta poder e controle sobre as águas	Baal mata o Dragão aquático, Yam – poder e controle sobre as águas
– processo: separação do céu e da terra das águas cosmogônicas sempiternas	Marduk separa os céus e a terra a partir da carcaça do Dragão aquático, Tiamat	ʔēlōhīm separa os céus e a terra a partir das águas originais	
– infraestrutura: construção do templo	Marduk constrói seu palácio-templo	ʔēlōhīm descansa do trabalho de sua “criação”	Baal constrói seu palácio-templo
– hipóstase: realza, ordem social e criação	a sociedade babilônica	a sociedade jerosolimitana	a sociedade ugarítica

Se, de um lado falta ao Ciclo de Baal a descrição da “separação do céu e da terra das águas cosmogônicas sempiternas”, de outro lado falta à Cosmogonia de Inauguração do Templo de Jerusalém a referência à construção da cidade. No entanto, está-se diante do mesmo modelo traditivo, em alguns casos, absolutamente completo (*Enuma eliš*), e, em outros, com a ausência de um ou outro elemento (Gn 1,1-2,4b e Ciclo de Baal) do paradigma completo.

⁵² Cf. LEICK, 2003.

De sorte que o leitor de Gn 1,1-3 tem diante de si dois caminhos: ler a passagem deixando-se arrastar pela corrente da tradição, que entende aí se tratar da “criação” do “cosmo” desde o “caos informe”, ou, operando por meio do levantamento semântico-fenomenológico que caracteriza a pesquisa de Tsumura, interpretar a passagem como se compo de termos e temas apropriados para, em chave teológico-mitológica, a descrição traditivo-cultural da geopolítica, nos termos da qual “céus e terra” não correspondem – e como poderiam? – à descrição do “universo”, mas apenas ao ecúmeno judaíta. Nesse segundo caso, pode-se aprofundar ainda mais a percepção para conclusões que o próprio Tsumura não desenvolveu: Gn 1,1-3 não descreve a “criação” senão como a reconstrução de Jerusalém, fazendo de Gn 1,1-2,4b, potencialmente, aquela escritura mencionada em Sl 102,19, e revelando a cidade do templo de Yahweh como “os céus e a terra” criados pela divindade (Is 65,17-18).

E se Gn 1,1-3 é que se serve de Jr 4,5-31?

O intérprete que optar pelo caminho aberto por Tsumura terá abandonado integralmente a ideia de que se descreve um “caos” original em Gn 1,1-3, assumindo que se descreva apenas o estado de desolação e desabitação em que a recém-criada “terra” se encontra. Caso se decida por aprofundar a análise, e entender que, a rigor, Gn 1,1-3 consiste naquilo que “será escrito para a geração futura” (Sl 102,19), concluindo-se, então, tratar-se da cosmogonia redigida após e em referência à reconstrução de Jerusalém (cf. Is 65,18), os efeitos que se passam a considerar tornam-se ainda mais acentuados.

Se, de um lado, não se pode considerar que Jr 4,5-31 seja “de Jeremias” e, ao mesmo tempo, constitua uma referência a Gn 1,1-3, de outro lado, nada impediria que o contrário fosse postulado. Por que Gn 1,1-3 não pode ter sido escrito *com base em Jr 4,5-31*? Ora, se os termos com que Gn 1,1-3 são redigidos correspondem rigorosamente ao modo como a Bíblia Hebraica trata cada uma das expressões, quando se quer referir à destruição de cidades⁵³, de sorte que são termos que tanto podem ser empregados em contexto de catástrofe quanto em contexto cosmogônico, ou seja, construção de cidades, desnudado da roupagem teológica com que foi recebida na tradição, Gn 1,1-3 pode ser lido como a descrição ao inverso de Jr 4,23-26, Gn 1,1-2,4b servindo-se de Jr 4,5-31. Jr 4,23-26 emprega determinados termos para descrever a destruição de Jerusalém, e, com base nesse texto, Gn 1,1-3 é escrito para descrever a reconstrução de Jerusalém. A escolha dos termos deve-se, portanto, ao fato de terem sido exatamente esses os termos empregados na versão “negativa” – a descrição da cidade. Na sua versão positiva – a “criação” da cidade –, os mesmos termos voltam a aparecer, no mesmo contexto, mas com o sentido inverso.

⁵³ Cf. RIBEIRO, O. L. Descriando Tiro. Ez 26,19-21 em comparação a Gn 1,1-3. *Reflexus*, ano IX, n. 14, p. 343-365, 2015a. p. 343-365.

A despeito da tradução de Duhm – “Eu olhei a terra, e eis o caos, eu olhei para o céu, lá não estava a sua luz”⁵⁴ –, de Joo considerar que os v. 23-26 representem um “retorno ao caos”⁵⁵, de Hill descrever os mesmos versos como “a visão do retorno da terra ao estado de caos primeiro”⁵⁶, e mesmo a despeito de recentemente ter-se descrito Jr 4,23-26 como “um quase slow-motion para o תהו ובהו hebraico do caos pré-criacional”⁵⁷, quando Jr 4,5-31 é composto, não se trata, ao menos no sentido da recepção dos ambientes greco-judaicos, de “caos”, “caos informe”, “caos informe pré-cosmogônico”, nem no início da trama nem no seu final. Se for para apostar que seja Jr 4,23-26 a servir-se de Gn 1,1-3, então que ao menos seja nos termos mais prosaicos com que Willis entende a intertextualidade neste caso: “para descrever o despovoamento da região”⁵⁸. E, de qualquer forma, a insistência que o Livro de Jeremias tem no tema da “criação”⁵⁹ pode ser interpretada como a efervescência justamente do risco da destruição de Judá, uma vez que a destruição de uma cidade é o oposto de sua construção, o que, em chave traditivo-cultural, se expressa, respectivamente, pelo tema da “descriação” e da “criação”, ou, alternativamente, por conta do que Souza chamou de, para o caso de Jr 4,23-26, “revisão sacerdotal”⁶⁰. Quando Jr 4,5-31 começa, Jerusalém está construída, o povo, reunido, o rei, presente. O “destruidor das nações”, o leão que sai de seu covil, aquilo que foi metaforicamente descrito como “o vento quente”⁶¹ varre Jeru-

⁵⁴ DUHM, 1901, p. 53. „Ich sehe die Erde, Und siehe: das Chaos, Ich blickte gen Himmel, Dahin war sein Licht” (tradução própria).

⁵⁵ JOO, 2006, p. 236. “Return to chaos”.

⁵⁶ HILL, J. *Friend or foe? The figure of Babylon in the Book of Jeremiah*. Leiden: Brill, 1999. p. 30. “the vision of a return of the earth to the state of primal chaos.” (tradução própria).

⁵⁷ CLAASSENS, L. J. “Like a woman in labor”. Gender, postcolonial, queer and trauma perspectives on the Book of Jeremiah. In: MAIER, C. M.; SHARP, C. J. (ed). *Prophecy and power. Jeremiah in feminist and postcolonial perspective*. London; New Delhi; New York; Sidney: Bloomsbury, 2013. p. 119. “an almost slow-motion to the Hebrew תהו ובהו of pre-creation chaos” (tradução própria). Pelo visto, ou a perspectiva do presente artigo encontra-se totalmente equivocada, ou a tradição de entrever-se o “caos” em Jr 4,23-26, porque primeiro em Gn 1,1-3, é tão forte que mesmo abordagens que se classificam a si mesmas como de gênero, pós-coloniais e queer sucumbem à sua força. Com efeito, é consideravelmente difícil encontrar um autor quem não projete a ideia de “caos” na “visão de Jeremias” – cf. BRUEGGEMANN, 1998, p. 59; DEARMAN, J. A. *Jeremiah, Lamentations*. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 92; HUEY, F. B. *Jeremiah, Lamentations*. An Exegetical and Theological Exposition of Holy Scripture. Nashville: Broadman, 1993. p. 85; KIZHAKKEYIL, S. *Jeremiah: an exegetical commentary*. Bangalore: Asian Trading Corporation, 2006. p. 33; STULMAN, L. *Jeremiah*. Nashville: Abingdon, 2005. p. 64. Mesmo autores que conseguem descrever Jr 4,23-26, relacionando os termos comuns com Gn 1,1-3 à própria descrição que J4 4,5-31 faz da destruição da terra, no final acabam remetendo o quadro à ideia de “creation virtually undone in a reversion to cosmic chaos” (ALLEN, L. *Jeremiah*. A Commentary. Louisville: Westminster John Knox, 2008. p. 69). Há autores que chegam a consubstanciar no termo “caos” o título-síntese de suas obras sobre Jeremias, como, por exemplo, CARROLL, *From Chaos to Covenant*. Prophecy in the Book of Jeremiah, 1981, e STULMAN, *Order Amid Chaos*. Jeremiah as Symbolic Tapestry, 1998.

⁵⁸ WILLIS, T. M. *Jeremiah and Lamentations*. Joplin: College, 2002. p. 75. “to describe the depopulation of the region” (tradução própria). Willis não emprega a palavra “caos” para referir-se a qualquer imagem elaborada pelo profeta, ainda que a conheça, naturalmente, tanto que a emprega, uma única vez, na expressão “the ancient goddess of chaos, Tiamat” (p. 374, nota 10).

⁵⁹ Apontada por LUNDBOM, 2014, p. 80-98.

⁶⁰ Cf. a nota 14.

⁶¹ JENSEN, I. L. *Jeremiah & Lamentations*. Chicago: Moody, 1974. p. 29. “The hot wind”.

salém, e ela é destruída. Depois da passagem do vento, ali, naquele momento, diante dos olhos do narrador, Jerusalém está “um deserto e uma desolação” (תֵּהוֹ וְבָהוּ), os céus, isto é, o ecúmeno de Jerusalém, “não têm a sua luz” (אֵין אִוְרָם), o “Adão” (הָאָדָם) não está lá, e os pássaros se foram (עָוָה). Não se está aí diante da descrição do “caos”, daquela “substância informe” a que se refere Sabedoria 11,17. Está-se “apenas” diante da catástrofe, uma terra devastada, destruída, resultado da devastação e destruição provocadas pelo poderoso exército que veio do norte. O único sentido com que a palavra “caos”, desnecessária, poderia ser usada nesse contexto é esse: tragédia, genocídio, hecatombe.

Nos termos da hipótese que aqui se especula, se é correto considerar que Gn 1,1-3 tem como objetivo transignificar teológico-mitologicamente a reconstrução de Jerusalém, nesse caso, quando a “criação” começa, Jerusalém encontra-se exatamente como fora deixada em Jr 4,5-31. A “criação” consiste, efetivamente, na reversão daquela destruição catastrófica, tanto se alguém a considera como projeto, desejando e esperando a reconstrução de Jerusalém (Sl 102,13-19 – verbo בָּרָא no v. 19), quanto quando se considera o projeto idealisticamente realizado, razão da alegria do povo (Is 65,18 – verbo בָּרָא). O que a divindade “cria” é, para todos os efeitos, Jerusalém. Nesse caso, nada mais apropriado do que servir-se intertextualmente da narrativa que descreve justamente a situação que a cosmogonia vai superar. Se Jerusalém está um deserto e uma desolação, se a luz dos céus deu lugar à treva, se o “Adão” se foi, e se os pássaros fugiram, que tudo volte ao seu normal: que, superando a treva, a luz esteja onde deve estar, que a terra saia do meio das águas, para onde afundam as cidades, quando destruídas, isto é, *descriadas*, e que voltem as plantas, os animais, os pássaros, o “Adão”. Não é que Jr 4,5-31 narre Gn 1,1-3 às avessas: ao contrário, é Gn 1,1-3 que narra Jr 4,5-31 de trás para frente, porque, historicamente, primeiro se dá Jr 4,23-26 e, somente depois, Gn 1,1-3. Somente porque se toma Gn 1,1-3 como, desde o “caos informe pré-cosmogônico, a “criação” do “cosmo”, do “universo”, o que, no raciocínio capturado pela operação hermenêutica, se deu *antes* da destruição de Jerusalém, é que a tradição opera consciente ou inconscientemente com a ideia de que *primeiro tem que ter vindo* Gn 1,1-3. Logo, Jr 4,5-31 *tem que se ter servido* de Gn 1,1-3, posição que é defendida seja por quem pense tratar-se do próprio Jeremias⁶², seja a posição de quem pense tratar-se Jr 4,5-31 de uma composição “sacerdotal”⁶³. Sendo outra, todavia, a situação de fundo, a pressão tradicional distende-se. Nada impede que “Jeremias” ou qualquer pessoa em situação de “testemunha ocular” tenha redigido Jr 4,23-26 e, por que ciente de que esse texto descrevia a destruição de Jerusalém, e também porque, por sua vez, vai agora escrever a reconstrução dessa mesma cidade anteriormente destruída, setenta anos depois alguém se sirva daquela composição para a redação da “Cosmogonia de Inauguração do Templo de Jerusalém”.

⁶² Cf. nota 13.

⁶³ Cf. nota 14.

Não se está esquecendo de nenhum detalhe?

A mesma tradição que recepciona Gn 1,1-3 a partir da noção grega de “caos informe” tem alguma dificuldade em desvencilhar-se da armadilha da recepção teológico-cristã de רִיחַ אֱלֹהִים no v. 2, lendo a expressão como uma referência ao “Espírito de Deus”. Mesmo que a pesquisa tenha procurado corrigir a confusão entre recepção teológico-alegórica e sentido histórico-social⁶⁴, imperam ainda, de um lado, a noção de “caos” e, de outro, a identificação de רִיחַ como um agente da “criação”.

Já se teve oportunidade de ver, contudo, que ainda na época em que se redigia Pr 30,4, a presença de רִיחַ em Gn 1,2 era assumida não como um agente da “criação”, mas, ao contrário, uma força que, como a treva, deveria ser debelada. רִיחַ אֱלֹהִים מִי אֶסְפֶּר רִיחַ | בְּהַפְנִי (“quem prendeu o vento com seus punhos?”) é a segunda de quatro “charadas cosmogônicas”⁶⁵ constantes de Pr 30,4, que apontam para a cosmogonia de Gn 1,1-2,4a: “quem subiu e desceu os céus?, quem prendeu o vento com seus punhos?, quem encerrou as águas no manto?, quem estabeleceu todas as extremidades da terra?” são perguntas cosmogônicas que, no seu conjunto, revelam que o escriba interpretava a presença de רִיחַ como um paralelo de “treva” (דְּחֵק)⁶⁶. Para alcançar o efeito hermenêutico, basta ler Gn 1,2 como paralelismo sinonímico:

Gn 1,2⁶⁷

וְהָיָה עַל-פְּנֵי תְהוֹמוֹת עֲלֵי-פְנֵי הַמַּיִם: וְרִיחַ אֱלֹהִים מְרַחֵף עַל-פְּנֵי הַמַּיִם: “E havia treva sobre as faces do abismo, e um vento tempestuoso soprava sobre a face das águas”⁶⁸.

Ora, salvo engano, e, nesse caso, devido a eventual desconhecimento de fonte que o desminta, não se faz, na pesquisa, referência à presença concomitante de רִיחַ em Jr 4,5-31 e Gn 1,2. O indicativo de intertextualidade resume-se aos termos de Jr 4,23-26. Quando, acertadamente, se indicam os paralelos terminológicos entre as

⁶⁴ Cf., por exemplo, a seguinte tradução de Gn 1,2: “the earth was a desolate waste, with darkness covering the abyss and a tempestuous wind raging over the surface of the waters” (MEEK, T. J. *The Book of Genesis*. In: SMITH, J. M. P. et al. *The Complete Bible – an American translation*. Illinois: The University of Chicago Press, 1951), onde “vento tempestuoso” traduz אֱלֹהִים רִיחַ.

⁶⁵ Para o conceito de “charada cosmogônica”, cf. HUIZINGA, 2001, p. 128.

⁶⁶ Cf. RIBEIRO, O. L. “Como que pelos chifres”. O vento na criação, segundo Pr 30,4. *Fragmentos de Cultura*, v. 15, n. 9, p. 1.371-1.384, 2005. p. 1371-1384.

⁶⁷ Os editores da BHS parecem ter optado por desconsiderar a relação sinonímica entre os dois estíquios. O texto foi marcado sintaticamente, de forma a fazer com que o estíquio וְהָיָה עַל-פְּנֵי תְהוֹמוֹת fosse lido em relação ao seu antecedente (וְהָאֲרֶץ הָיְתָה רֵהוּ וְנָהוּ), deixando o estíquio: וְרִיחַ אֱלֹהִים מְרַחֵף עַל-פְּנֵי הַמַּיִם isolado. Como resultado, a leitura seria vincular ao mesmo movimento retórico o estado da terra e a presença da treva, mas desvincular desse movimento a presença de רִיחַ, como se o *vav* devesse ser lido como uma adversativa: “a terra estava como estava, a treva imperava, mas רִיחַ...”. Certamente não é a leitura que o escriba de Pr 30,4 faz: segundo sua leitura, a terra estava como estava, *porque* a treva imperava e um vento soprava violentamente. Para o vento como agente da destruição, e não da criação, em Gn 1,2, cf. a nota 39.

⁶⁸ Cf. nota 64.

duas passagens, não se menciona a “coincidência” de, em Jeremias, רַיָּה ser a causa metafórica da destruição de Jerusalém, ao mesmo tempo em que, além dos demais termos dos v. 23-26, em Gn 1,1-3, o vento tempestuoso soprar violentamente sobre a terra devastada e desolada. Todavia, se considerada a leitura que Pr 30,4 faz de Gn 1,2, e se considerada a possibilidade de os estíquos imediatamente acima transcritos serem lidos, como também Meek os leu⁶⁹, em relação de paralelismo sinonímico, então é possível dizer que tanto em Jr 4,5-31 como em Gn 1,1-2,4b um vento, mas não um vento qualquer, mas, nos termos de Jr 4,11, um “vento esturricante” (רוּחַ צֶחַח), nos termos de Jr 4,12, “um vento forte” (רוּחַ מְלֵאָה), e nos termos de Gn 1,2, “um vento impetuoso” (רוּחַ מְלֵאָה), aquele “vento tempestuoso agitando-se violentamente sobre a superfície das águas” (tradução própria de “tempestuous wind raging over the surface of the waters”), como o descreve Meek, um vento, então, é o responsável pela destruição de Jerusalém. Mesmo a treva que impera ao final da desgraça lá se instala por força da destruição horrível que aquele vento promove. Quando Gn 1,1-2,4b é redigida, a abertura da cosmogonia descreve o estado de calamidade que Jr 4,5-31 quase que desenha para Jerusalém, tão forte é a carga emotiva com que os “motivos” plástico-poéticos são articulados. Mas Gn 1,1-3 não se serve *apenas* de Jr 4,23-26 – é toda a perícope de Jr 4,5-31, ou, no mínimo, alguma versão dela, em que, todavia, já se encontrava mencionado o exército do norte descrito como “um vento esturricante” e “um vento cheio”, que é utilizada, de sorte que, ao lado do “motivo” treva, o vento é igualmente empregado para a descrição do último momento antes da “criação”: uma tempestade avassaladora, destruição total, calamidade, treva, vento, hecatombe. Um vento terrível sopra, Jerusalém cai, a treva impera! Mas agora basta que Yahweh decida (Sl 102,13-19), e ele decide (Is 65,17-18), a luz apaga as trevas, os punhos do próprio deus prendem o vento (Pr 30,4), e Jerusalém pode reerguer-se desde as águas da “criação”. Faz sentido pensar que Gn 1,1-2,4b tenha se elaborado à luz de Jr 4,5-31.

Considerações finais

Quando se atualizam os termos de Gn 1,1-2,4b não pelo manual teogônico grego, pela LXX ou por Sabedoria, mas pela fenomenologia semântica da própria Bíblia Hebraica, Gn 1,1-3 deixa de assumir a aparência da “criação” a partir do “caos” e assume os contornos histórico-traditivos com que, naquela biblioteca, opera a modalidade mítico-fenomenológica aplicada às narrativas de cidades: cidades emergem e submergem nas águas da “criação”, continuamente.⁷⁰ Lida assim, e amparada por Sl 102,13-19, Is 65,18 e Pr 30,4, a cosmogonia que abre a Bíblia Hebraica descreveria a emergência do ecúmeno judaíta. Nesse caso, sempre por hipótese, Gn 1,1-2,4b poderia consistir na apropriação “reversa” do oráculo de Jr 4,5-31. Antes de considerar-se que o oráculo tenha se servido da cosmogonia, sugere-se que, ao contrário, a cosmo-

⁶⁹ Cf. nota 64.

⁷⁰ É possível interpretar Apocalipse 21,1 como a utopia teológica de que esse interminável processo finalmente termine.

gonia tenha se servido do oráculo, exatamente porque, em termos histórico-sociais, a cosmogonia descreve a reconstrução de Jerusalém, de sorte que inverter o oráculo que descreve justamente a destruição de Jerusalém, teria parecido ao escriba da coroa que redigiu a composição uma espetacular operação retórica. Com o que aqui não se pode senão concordar.

Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista. 4 impressão. São Paulo: Paulinas, 1989.
- ALLEN, L. *Jeremiah*. A Commentary. Louisville: Westminster John Knox, 2008.
- ALONSO-SCHÖKEL, L. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALONSO-SCHÖKEL, L.; SICRE-DIAZ, J. L. *Profetas I*. Isaias, Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BRIGHT, J. *Jeremiah*. Introduction, translation and notes. New York: Doubleday, 1965.
- BRUEGGEMANN, W. *A Commentary on Jeremiah*. Exile and Homecoming. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998.
- CARROLL, R. P. *From Chaos to Covenant*. Prophecy in the Book of Jeremiah. New York: Crossroad, 1981.
- CARROLL, R. P. Something Rich and Strange: Imagining a Future for Jeremiah. In: DIAMOND, A. R. P.; O'CONNOR, K. M.; STULMAN, L. (Orgs.). *Troubling Jeremiah*. Sheffield: Sheffield Academic, 1999. p. 423-443.
- CARROLL, R. P. The Book of J. Intertextuality and Ideological Criticism. In: DIAMOND, A. R. P.; O'CONNOR, K. M.; STULMAN, L. (Orgs.). *Troubling Jeremiah*. Sheffield: Sheffield Academic, 1999. p. 220-243.
- CHRISTENSEN, D. L. In quest of the autograph of the book of Jeremiah: a study of Jeremiah 25 in relation to Jeremiah 46-51. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 33, n. 2, p. 145-153, 1990.
- CLAASSENS, L. J. "Like a woman in labor". Gender, postcolonial, queer and trauma perspectives on the Book of Jeremiah. In: MAIER, C. M.; SHARP, C. J. (ed). *Prophecy and power*. Jeremiah in feminist and postcolonial perspective. London; New Delhi; New York; Sidney: Bloomsbury, 2013. p. 117-132.
- DAVIDSON, S. V. *Empire and Exile: Postcolonial Readings of the Book of Jeremiah*. New York: T.&T. Clark, 2011.
- DEARMAN, J. A. *Jeremiah, Lamentations*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.
- DIAMOND, A. R. P. Introduction. In: DIAMOND, A. R. P.; O'CONNOR, K. M.; STULMAN, L. (Orgs.). *Troubling Jeremiah*. Sheffield: Sheffield Academic, 1999. p. 15-33.
- DUHM, D. B. *Das Buch Jeremia*. Tübingen: Mohr, 1901.
- FISHBANE, M. Jeremiah IV 23-26 and Job III 3-13: a recovered use of the creation pattern. *Vetus Testamentum*, v. 21, n. 2, p. 151-167, 1971.
- GINZBURG, C. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GINZBURG, C. Sinais – raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HAYES, Katherine Murphey. *The Earth Mourns: Prophetic Metaphor and Oral Aesthetic*. Leiden; Boston: Brill, 2002.
- HILL, J. *Friend or foe? The figure of Babylon in the Book of Jeremiah*. Leiden: Brill, 1999.
- HOLLADAY, W. L. *Jeremiah*. A Fresh Reading. Eugene: Wipf & Stock, 2012.

- HUEY, F. B. *Jeremiah, Lamentations*. An Exegetical and Theological Exposition of Holy Scripture. Nashville: Broadman, 1993.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. O jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- JENSEN, I. L. *Jeremiah & Lamentations*. Chicago: Moody, 1974.
- JOO, S. *Provocation and Punishment*. The Anger of God in the Book of Jeremiah and Deuteronomistic Theology. Berlin: Walter de Gruyter, 2006.
- KIZHAKKEYIL, S. *Jeremiah: an exegetical commentary*. Bangalore: Asian Trading Corporation, 2006.
- KOEHLER, Lexicon; BAUMGARTNER, W. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 2001. v. 1.
- LALLEMAN-DE WINKEL, H. *Jeremiah & Lamentations*. England: Inter-Varsity, 2013.
- LEICK, Gwendolyn. *Mesopotâmia, a invenção da cidade*. Trad. Álvaro Cabra. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- LUNDBOM, J. R. *Theology in Language, Rhetoric, and Beyond*. Essays in Old and New Testament. Cambridge: James Clark, 2014.
- MANFREDI, Silvana. *Geremia in dialogo*. Nessi con le tradizioni profetiche e originalità in Ger. 4,5-6,30. Roma: Salvatore Sciascia, 2002.
- MCKANE, W. *A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah*. Introduction and commentary on Jeremiah I-XXV. New York: T.&T. Clark, 1986.
- MEEK, T. J. The Book of Genesis. In: SMITH, J. M. P. et al. *The Complete Bible – an American translation*. Illinois: The University of Chicago, 1951.
- MILLER, P. D. Eridu, Dunnu and Babel. A study in comparative mythology. *Hebrew Annual Review*, n. 9, p. 227-251, 1985.
- NICHOLSON, E. W. *The Book of Prophet Jeremiah*. Chapters 1-25. Cambridge: University, 1973.
- OTTOSSOM, M. Eden and the Land of Promise. In: EMERTON, J. A. (ed.). *Congress Volume*. Jerusalem, 1986. p. 177-188.
- RIBEIRO, O. L. *A cosmogonia de inauguração do templo de Jerusalém – o Sitz im Leben de Gn 1,1-3 como prólogo de Gn 1,1-2,4a*. 2008. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- RIBEIRO, O. L. “Como que pelos chifres”. O vento na criação, segundo Pr 30,4. *Fragmentos de Cultura*, v. 15, n. 9, p. 1.371-1.384, 2005.
- RIBEIRO, O. L. Descriando Tiro. Ez 26,19-21 em comparação a Gn 1,1-3. *Reflexus*, ano IX, n. 14, p. 343-365, 2015a.
- RIBEIRO, O. L. *Homo faber*. O contexto da “criação” em Gênesis 1,1-3. Rio de Janeiro: Mauad, 2015b.
- SKINNER, J. *Jeremias: profecia e religião*. São Paulo: Aste, 1966.
- SOUZA, Ágabo Borges de. *Studien zum Menschenverständnis von Jer 2-6 aus einer lateinamerikanischen Perspektive*. Ein Beitrag zur Anthropologie des Jeremiabuches. Hamburg: Lottbeck, 1993.
- _____. Jer 4,23-26 als P-orientierter Abschnitt? *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, n. 105, p. 419-428, 1993.
- STULMAN, L. *Jeremiah*. Nashville: Abingdon, 2005.
- STULMAN, L. *Order Amid Chaos*. Jeremiah as Symbolic Tapestry. Sheffield: Sheffield Academic, 1998.
- TORREBLANCA, J. Jeremías: una lectura estructural. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, n. 35-36, p. 68-82, 2000.
- THOMPSON, J. A. *A Book of Jeremiah*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1980.

TSUMURA, David. *Creation and Destruction. A Reappraisal of the Chaokampf Theory in the Old Testament*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.

WILLIS, T. M. *Jeremiah and Lamentations*. Joplin: College, 2002.

WRIGHT, C. J. H. *The message of Jeremiah. Against wind and tide*. Downers Grove: IVP Academic, 2014.

ZIMMERLI, W. *The Fiery Throne. The Prophets and Old Testament Theology*. Minneapolis: Fortress, 2003.